

Faculdade Ciências da Vida - FCV

PSICOLOGIA, RELIGIÃO E RELAÇÃO PESSOA-COMUNIDADE SOB A
PERSPECTIVA FENOMENOLÓGICA

Larissa de Carvalho Souza*

Samuel Rodrigues Fazendeiro**

RESUMO

Essa pesquisa traz como temática a psicologia, a religião e a relação pessoa-comunidade sob a perspectiva fenomenológica. Essa pesquisa pretende compreender a importância da influência religiosa nas relações grupais e a formação do 'eu' na percepção dos hábitos religiosos na vida de jovens. Também, a compreensão do ser humano nos aspectos que envolvem seus sistemas. Logo, a pretensão foi responder a seguinte questão norteadora: qual a influência da religião na construção da personalidade em relação à pessoa-comunidade sobre jovens em uma Comunidade Católica na cidade de Sete Lagoas? O objetivo geral desse trabalho foi apresentar como esses ensinamentos/vivência estão presentes na construção da personalidade desses indivíduos jovens em uma Comunidade Católica. O meio utilizado para essa pesquisa foi estudo de campo em uma comunidade religiosa na cidade de Sete Lagoas. Esse trabalho conta com a natureza descritiva, do tipo qualitativo, em que foram realizadas entrevistas semiestruturadas com os jovens dessa comunidade e as respostas alcançadas foram analisadas pelas considerações feitas por Bardin (1997), sobre a análise de conteúdo. Como resultados alcançados, foi evidenciado que a religião tem grande influência sobre a formação do jovem, pois ele se fortalece no contato com o outro e no contato com Deus, pratica mais a empatia e aprende a ser solícito, o que influencia na formação da sua personalidade.

PALAVRA-CHAVE: psicologia e religião; relação pessoa-comunidade; autoformação; fenomenologia.

ABSTRACT

This research focuses on psychology, religion and the person-community relationship from a phenomenological perspective. This research aims to understand the importance of religious influence in group relationships and the formation of the 'I' in the perception of religious habits in the lives of young people. Also, the understanding of human beings in the aspects that involve their systems. Therefore, the intention was to answer the following guiding question: what is the influence of religion in the construction of personality in relation to the person-community about young people in a Catholic community in the city of Sete Lagoas? The general objective of this work was to present how these teachings / experiences are present in the construction of the personality of these young individuals in a

* Graduanda em Psicologia pela Faculdade Ciências da Vida – FCV – Sete Lagoas/MG.

E-mail: souzalarissa444@gmail.com

** Orientador. Psicólogo. Mestre em Ciências da Religião pela PUC Minas. Professor da Faculdade Ciências da Vida – Sete Lagoas/ MG.

E-mail: samuel.fazendeiro@yahoo.com.br

Catholic community. The medium used for this research was a field study in a religious community in the city of Sete Lagoas. This work has a descriptive nature, of a qualitative type, in which semi-structured interviews were conducted with young people in this community and the responses obtained were analyzed by the considerations made by Bardin (1997), about content analysis. As results achieved, it was evidenced that religion has a great influence on the formation of young people, as they are strengthened in contact with others and in contact with God, practice empathy more and learn to be solicitous, which influences the formation of their personality.

KEYWORDS: psychology and religion; person-community relationship; self-training; phenomenology.

1 INTRODUÇÃO

O ser humano tem habilidade de se relacionar com as pessoas e com o meio, as inter-relações e as vivências religiosas podem influenciar na autoformação do sujeito, de modo que viver sem elas pode ocasionar a perda da essência da vida. É possível afirmar que somente em uma genuína comunidade o indivíduo poderá alcançar uma verdadeira formação (ROSA, 2018). Essa pesquisa pretende responder, a seguinte questão norteadora: qual a influência da religião na construção da personalidade em relação à pessoa-comunidade sobre jovens em uma Comunidade Católica na cidade de Sete Lagoas?

A religião atua diretamente na construção da personalidade desses indivíduos, esse trabalho parte da hipótese que podemos identificar que a relação pessoa-comunidade é baseada nos ensinamentos/vivência religiosa. O objetivo geral desse trabalho é apresentar como esses ensinamentos/vivência estão presentes na construção da personalidade desses indivíduos jovens em uma Comunidade Católica. Para responder essa pesquisa, os objetivos específicos são: definir a relação pessoa-comunidade de acordo com a visão fenomenológica; discutir o conceito de personalidade a partir da análise fenomenológica-existencial em psicologia; e compreender a relação pessoa-comunidade a partir da religião católica.

Para justificar esse trabalho, entende-se que a juventude é considerada o estágio da vida que abre maiores oportunidades para o indivíduo, pois através das etapas do desenvolvimento dessa fase, acontecem as mudanças na autoformação do ser humano. Logo, consideram-se as possíveis formas de contribuições da Psicologia nessa temática, estudar as influências religiosas nas relações grupais e a formação do 'eu', na percepção dos hábitos religiosos na vida de jovens. Considera-se também a importância dessa temática, para os estudos da psicologia, pois esse tema auxilia na compreensão do ser humano, e nos aspectos que envolvem seus sistemas. Torna-se um rico exercício de observação e análise, no sentido

de compreender a percepção da formação da personalidade em relação às suas práticas religiosas e a convivência com o outro. Permite-se, ainda, que os jovens desse contexto sejam os protagonistas e agentes de mudanças no que diz respeito à construção e formação de sua personalidade.

Segundo Serafim, Mezzomo e Pátaro (2016) a juventude é a etapa da vida que projeta o futuro e o autoconhecimento é nessa fase que as conjunturas dos indivíduos podem influenciar no desenvolvimento da personalidade. O contexto religioso tem grande contribuição na construção do 'eu', a religião possibilita a elaboração da singularidade e a construção da identidade de forma intersubjetiva e articulada a projetos coletivos (FERNANDES, 2019). Para Junior e Mahfoud (2006), a formação da personalidade se constitui no processo de abertura da vida espiritual – quanto maior é essa abertura mais facilmente alcançará os valores originais da personalidade. Esses valores originais são aprendidos no decorrer da vivência com o outro e com o mundo e provoca no indivíduo maior anseio pela busca da autoformação para manifestar características do seu próprio 'eu'.

Segundo Cruz (2016) e Junior, Ardans-Bonifacino e Roso (2016), por ser o homem singular, as possibilidades diante da vida trazem a liberdade pessoal que é importante para as escolhas do conteúdo da autoformação. Escolher por essa abertura amplia as possibilidades da formação da estrutura humana, pois além da corporeidade o homem é composto por alma e espírito, o que o diferencia dos outros animais. No homem o aspecto espiritual exprime os significados interiores e subjetivos, o homem emerge 'para si' e 'para o outro', o espírito é o principal formador humano (SANTOS; ROCHA, 2018).

O homem é um ser biopsicosocialespiritual, por esse motivo as relações com o outro e com o meio constituem a sua formação como ser no mundo. Acreditam que a identidade humana é desenvolvida a partir de suas vivências, e isso é que o faz um ser-no-mundo. O homem precisa das relações com o mundo para saber quem é as vivências espirituais praticadas na religião exerce influências sobre a singularidade do sujeito, inclusive a procura pelo sentido da vida (SANTOS, 2016; SIMAN; RAUCH, 2017). O ser humano busca, constantemente, o sentido real de sua vida, encontrar na religiosidade a existência real do 'eu' atribuí ao homem esse sentido, que ele tanto anseia. Para Junior e Mahfoud (2006), a força espiritual confere sentido às vivências para o outro e para o mundo. Por esse motivo as práticas religiosas, para alguns indivíduos, podem ser benéficas.

Para a verificação dessa pesquisa foi feito um estudo de campo em uma comunidade religiosa na cidade de Sete Lagoas. Este trabalho conta com a natureza descritiva, do tipo qualitativo, em que foram realizadas entrevistas semiestruturadas com os jovens dessa

comunidade e as respostas alcançadas foram analisadas pelas considerações feitas por Bardin (1997), sobre a análise de conteúdo. Como resultados alcançados, pode afirmar que a religião unida à vida comunitária participa de forma ativa na personalidade desses jovens. A adesão à vida comunitária unida à religião proporciona comportamentos mais sólidos e maduros. A religiosidade assim como a vida comunitária é relacional, pois além da relação com outros membros o indivíduo se relaciona com o Outro.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 ABORDAGENS TEÓRICAS: VISÃO DO HOMEM E DA COMUNIDADE

No século XX, os filósofos, insatisfeitos com a consistente influência do positivismo e do idealismo sob a sociedade, criaram a fenomenologia. Essa nova corrente filosófica buscava a essência ‘da coisa’. Husserl, um dos precursores, acreditava que a finalidade da fenomenologia não é reduzir o homem a comportamentos nem a processos puramente mentais do inconsciente (PEREIRA; MEIRELLES, 2019; GIOVANETTI, 2018; FEIJOO e MATTAR, 2016). O objetivo seria enxergar que o homem deve ser estudado a partir de seus fenômenos, ou seja, da completude do ‘ser’ de tudo que aparece e de como aparece. Esse método da filosofia permite a consciência da essência ‘das coisas’ e a atribuição do sentido existencial (BELLO, 2015). A abordagem fenomenológica analisa os elementos que envolvem o ser humano, ou seja, aquilo que concede total expressão da essência/sentido do ser humano para o desenvolvimento do ‘vir-a-ser’ (ORENGO; HOLANDA; GOTO, 2020; GASBARRO, 2013).

Os estudos fenomenológicos interessaram, também, a Edith Stein (1891-1942) – aluna e discípula de Husserl. Segundo Alves, Barea, Werneck, Grzibowski, Rodrigues e Silva (2018) e Monteiro, Reis, Albuquerque, Santos, Gomes e Vieira (2018), Edith se interessava pelos assuntos de filosofia e pelos problemas humanos que diziam do destino da humanidade. Devido a suas preocupações, consagrou boa parte de seus estudos tentando compreender as relações da pessoa-comunidade. A comunidade não absorve o ‘eu’, pelo contrário ela precisa da individualidade de seus membros para sua formação. Sua estrutura é orgânica e consolidada por meio da relação recíproca entre os indivíduos, o contato de pessoa para pessoa influencia a vitalidade do grupo (BELLO, 2015; STEIN, 2005).

O homem existe a partir de suas decisões e de seus movimentos (FEIJOO; MATTAR, 2016). A abordagem existencial-fenomenológica diz do homem entregue à possibilidade e à liberdade, com responsabilidade pela autoformação. As relações que ele constrói com o outro

constituem a sua subjetividade (PAULA, 2018; BRAGA; FARINHA ; MOSQUEIRA, 2019). A liberdade é que permite que o homem se abra ou não para a convivência com o outro, as escolhas do homem o formam e o permitem ‘ser-para-outro’, ou seja, o ser humano se configura a partir de seus relacionamentos (JUNIOR; ARDANS-BONIFACINO; ROSO, 2016). Não significa que o homem será alienado para se formar de acordo com aquilo que é essência do outro, mas algumas características da personalidade, que são semelhantes a crenças e valores da pessoa, o auxiliam nessa formação (JUNIOR; MAHFOUD, 2013). Nenhum homem consegue viver sozinho (BELLO, 2015). A estrutura da nossa personalidade é formada a partir da nossa familiaridade com o outro (MOURA, 2019).

2.2 A ESTRUTURA DA PESSOA

Viver comunitariamente auxilia ao indivíduo no método de formação da totalidade do ‘eu’. A comunidade influencia o desenvolvimento da estrutura humana, assim como a personalidade dos membros induz a formação da comunidade. Embora Stein, acreditava que o ser humano é fundado por corpo e alma, didaticamente, para explicar cada estrutura ela divide o homem em: corpo, alma e espírito (JUNIOR; MAHFOUD, 2006). O espírito, lugar único de encontro com Deus, se localiza na alma. O entrelaçamento e a unidade entre esses compostos formam a estrutura da pessoa humana (MENESES; MENDONÇA, 2019). A comunidade tem grande influência na formação desta (CARDOSO; MASSIMI, 2018).

A corporeidade representa as características físicas e sensíveis, o corpo não é apenas uma massa corpórea, mas uma estrutura vivente. Esse corpo aponta as vivências e as relações do indivíduo (CARDOSO; MASSIMI, 2018; FERNANDES; BARBOSA, 2016). Não há possibilidade deste se relacionar sem sua corporeidade, pois é o corpo vivente que possibilita o desenvolvimento da estrutura humana interior. O corpo expressa as nossas vivências interiores, ou seja, o reflexo de nossa individualidade é manifestado através dos nossos movimentos, pois o corpo serve para expressão íntima da alma e do espírito. Para Sberga e Massimi (2013), o corpo vivente e singular, pois vive um ‘eu’ que se configurar em ter autodomínio sobre suas ações. O corpo é o composto capaz de carregar as estruturas mais importantes do ser humano (SOBREIRA; NISTA-PICCOLO; MOREIRA, 2016).

Para o filósofo Santo Tomás de Aquino (1225-1274) a estrutura da alma é composta pela faculdade da razão, vontade e intelecto que colaboram para a pessoalidade do ser (MARTINES, 2019). A estrutura humana que diferencia os homens dos animais é a alma ou *psique* – nela está nossa interioridade, a existência real do ‘eu’. A alma é o composto que expressa a unicidade do homem. Segundo Cruz (2016), o homem é singular e por esse motivo

as suas possibilidades trazem a liberdade que permite capacidade de escolha. A alma e o espírito estão intimamente ligados e ambos influenciam as vivências do sujeito (BELLO, 2015).

O espírito é considerado por Stein a estrutura mais complexa e profunda da pessoa, pois essa estrutura a torna social e permite a relação com o Criador. O espírito exprime os significados interiores da alma, ou seja, o ser humano assume suas inclinações e sua importância no mundo; logo ele começa a avaliar-se e buscar a formação do ‘eu’ (JUNIOR; MAHFOUD, 2006). É no espírito que se localiza a identidade do ‘ser’ e que o direciona para se formar durante a vida (ROSA, 2018).

No espiritual, o homem emerge para si e começa a abertura para o outro. A formação da personalidade acontece nessa abertura do espírito para o outro e para o meio: quanto maior a fissura, mais facilmente se alcança os valores próprios do ‘eu’ (JUNIOR; ARDANS-BONIFACINO; ROSO, 2016). O espírito é o formador humano, os valores aprendidos por ele provocam no sujeito a inclinação para atuar com o outro e/ou com o mundo (STEIN, 2005). As propriedades aprendidas pelo espírito possibilitam o desempenho da pessoa de forma concreta adotando uma conduta própria do espírito.

A formação da pessoa humana deve condizer com a inter-relação dessas três estruturas, são elas que permitem que a personalidade adquira sua forma própria, ou seja, aquilo que está inscrito na base ontológica do sujeito. A palavra formação se deriva de forma, ou seja, “encaixar em uma forma”. O objetivo da autoformação é forma as potencialidades da ‘alma da alma’ enquadrando as dentro da estrutura do ser (STEIN, 2005).

O centro da pessoa e o que ela carrega de mais importante estão localizados na “alma da alma” (STEIN, 2005). A individualidade é afeiçoada por esse núcleo e as relações com o outro não podem modificar a personalidade se essa já for bem formada. Para Cruz (2016) é essa singularidade que conserva a marca pessoal do homem e impede que conteúdos destoantes de sua personalidade cheguem ao espírito. Para a autoformação, é importante perceber como o homem configura o mundo, pois precisa amparar e entrar em acordo com sua realidade, a vivência espiritual auxiliar nesse processo (CASAGRANDE; HERMANN, 2017). A vida espiritual expressa à liberdade de forma que a pessoa é quem toma as decisões diante de sua realidade e propaga de forma criativa o ‘eu’ (JUNIOR; MAHFOUD, 2006).

A pessoa pode ser modificada pelo ambiente e pelo outro (BRAVARESCO, 2018). Esse processo acontece a partir da abertura do sujeito para o outro, bem como para o meio em que se está inserido. As vivências não são mais subjetivas e sim partilhadas. (STEIN, 2005). O formato como acontecem os vínculos grupais, modifica o interior da pessoa e,

provavelmente, modificará a estrutura de sua personalidade. A formação das características da personalidade das pessoas é favorecida através do contexto da comunidade como: regras, tradições e valores específicos/particulares (CATRÉ; FERREIRA; PESSOA; CATRÉ; CATRÉ, 2016; SBERGA; MASSIMI, 2013).

2.3 RELAÇÃO PESSOA-COMUNIDADE

O ser humano é diferente dos animais devido às suas formas de relação com o outro e com o meio, segundo Menezes e Pegoraro (2019) e Cruz (2016). As relações com as vivências comunitárias e a maneira como o corpo, a alma e o espírito se relacionam é que vai construir o homem social. Viver sem as relações pessoais e comunitárias pode acarretar perda de sentido da vida e da realidade (SANTOS, 2016; JUNIOR; MAHFOUD, 2013). Todas as vivências do corpo passam pela alma e chegam ao espírito de forma única e singular. Um corpo sozinho não é capaz de realizar nada, ele precisa da alma para tomar as suas ações e, principalmente, do espírito para expressar a sua singularidade (BELLO, 2015).

Viver em comunidade tem relação com as expressões da vivência do 'eu'. Para Junior e Mahfoud (2013), ser pessoa-comunidade são relações interdependente, mas/e estão intimamente relacionadas. A pessoa e a comunidade, dependendo da abertura, do vigor e da forma como elas se relacionam, podem se tornar uma. Quando bem estruturada, a personalidade é preservada dentro do corpo social e essa pode alterar as vivências comunitárias e formar os valores e costumes do grupo (BERNARDI; CASTILHO, 2016). O indivíduo consegue alcançar a formação de maneira autêntica, somente se a comunidade for genuína (ROSA, 2018).

As comunidades religiosas se diferenciam das demais, pois envolvem o outro e a figura de um criador ou de Deus. Segundo Junior e Mahfoud (2013) a comunidade religiosa é definida como uma pertença comum, entre os membros, que possibilita a unidade das estruturas do ser humano e a conquista da busca das mesmas coisas. Dentro da irmandade religiosa, cada ser humano é uma parte que complementa a estrutura dessa e ambos se desenvolvem. As vivências religiosas, como sendo comunitárias, se assemelham na relação com o outro e com os conteúdos que são, conseqüentemente, proporcionados. Para a inteireza das vivências religiosas, o corpo a mente e o espírito devem se inter-relacionar de forma complementar (JUNIOR; MAHFOUD, 2013). O significado da vida religiosa pela comunidade se solidifica quando os membros dela começam a experimentar o que fazem sentido, também, para o outro. São exemplos: meditação, oração, leituras e outras práticas.

Para Junior e Mahfoud (2006), a formação humana comunitária não se concretiza apenas pelas diferenças dos membros, mas pela busca do mesmo objetivo. A pessoa pode escolher se abrir ou não para essas vivências, a fim de que a liberdade mova suas escolhas dentro da vida comunitária. A liberdade de se isolar e se fechar às vivências religiosas e a possibilidade de abertura acontecem a partir da preferência dos indivíduos (JUNIOR; MAHFOUD, 2013).

A liberdade dessas escolhas faz parte do processo de autoformação que é necessário para a vivência em comunidade, pois o indivíduo se torna responsável por suas escolhas e isso contribui para o processo de seu desenvolvimento (JUNIOR; ARDANS-BONIFACINO; ROSO, 2016). A vida espiritual expressa a liberdade de modo que a pessoa é quem toma as decisões diante de sua realidade e expressa de forma criativa o 'eu'. A comunidade possui relevância efetiva na formação da pessoa. O sujeito não deixa de ser quem é na essência, pois o corpo coletivo se esforça para que seus membros mantenham sua identidade. A pessoa não perde suas características específicas, pelo contrário, essas colaboram para com a comunidade e os demais membros (JUNIOR; MAHFOUD, 2013; 2006).

2.4 A COMUNIDADE E A VIVÊNCIA RELIGIOSA

Para Serafim, Mezzomo e Pátaro (2016), a instituição religiosa é a instituição que agrega mais valor ao desenvolvimento da personalidade. As práticas religiosas colaboram na efetivação dos projetos de vida dos jovens e para o desenvolvimento de suas estruturas (FREITAS; VILELA, 2017). A formação não se realiza somente por conteúdos formativos da comunidade, mas, também pela individualidade de seus membros. Somente inserido na vivência comunitária que o indivíduo alcança a verdadeira formação (ROSA, 2018).

Nenhum ser humano pode se formar sozinho, e sim na relação com seus semelhantes. Uma autêntica formação colabora com a singularidade e a liberdade do 'eu'. O contato vivo com outros indivíduos colabora na autoformação, de maneira que os métodos de formação não são tão eficazes quanto o contato com o outro (ROSA, 2018). O relacionamento com os demais membros são importantes, pois contribuem para a autoformação deles e na formação da entidade. A constituição da personalidade também se dá no processo de abertura da vida espiritual. A energia dos membros estimula a produção de nova vitalidade para a comunidade, que pode nutrir outras comunidades (ROSA, 2018).

O núcleo das comunidades é formado por seus membros, dentro das comunidades religiosas existe um guia que age de forma ativa e precisa na individualidade e na formação da personalidade de seus membros para sustentar a comunidade. Na vivência religiosa dentro

das comunidades, além da contribuição, atuação subjetivada de cada membro para o sustento desse agrupamento os indivíduos contam com o auxílio da ‘Graça de Deus’ (BELLO, 2015).

O homem é um ser também espiritual, a estrutura da pessoa passa pela vivência da religiosidade (STEIN, 2005). Através das práticas religiosas, os aspectos que formam a estrutura da pessoa (corpo, psique e espírito), entram em unidade e modelam o ‘eu’ (JUNIOR; MAHFOUD, 2013). O ser humano forma a si mesmo, e dentro das vivências religiosas ele tem a oportunidade e a liberdade de autoformação através do auxílio de Deus e de dogmas de fé (SILVA, 2018).

A força e a vitalidade da comunidade religiosa estão em seus membros. Os indivíduos são livres e têm autonomia de levar os benefícios que aí receberem para outras comunidades e assim, cooperar também com o processo de formação dessas. Dentro da comunidade religiosa cada integrante tem como responsabilidade uma função que colabora com seu autodesenvolvimento (JUNIOR; MAHFOUD, 2013). A autoformação e a edificação dessa comunidade acontecem com a autocolaboração dos membros (ROSA, 2018).

3 MATERIAIS E MÉTODOS

Trata-se de uma pesquisa de revisão bibliográfica de publicações disponíveis, em bases de dados eletrônicos científicos, a fim de verificar teoricamente a hipótese formulada. A coleta de dados foi realizada com nove membros de uma comunidade católica da cidade de Sete Lagoas. Esses jovens vivem de acordo com os preceitos dessa comunidade: escolheram ceder casa, emprego e família, para entregar suas vidas pela Igreja, pelo Evangelho e por outros jovens. Toda renda adquirida, seja de doações ou de trabalhos para essa obra, são gastos com a evangelização para outros jovens.

Participaram dessa pesquisa os jovens dessa comunidade na idade de 20 a 30 anos, de ambos os sexos, e com graus de escolaridade variados: três deles com ensino superior completo, quatro cursando o ensino superior e dois com o ensino médio completo. Os nomes utilizados na discussão dos resultados são fictícios. O critério de inclusão para essa pesquisa são os jovens moradores dessa Comunidade Católica que vivem de acordo com o preceito dessa congregação.

Para avaliar as influências que essa religião causa na formação da personalidade desses jovens foi aplicada uma entrevista semiestruturada (ANEXO A) no mês de agosto, mesmo diante do contexto da pandemia do Coronavírus as entrevistas aconteceram no formato presencial, cumprindo as normas de segurança sugeridas pela Organização Mundial da Saúde. A entrevista é definida como uma forma de interação social que busca coletar dados

do objeto estudado (GIL, 1999). Foi pensado nesse meio devido à classificação e o meio dessa pesquisa. O método qualitativo procura entender fenômenos humanos de forma mais criteriosa e detalhada. Para Demo (2015), na pesquisa qualitativa, a preocupação está voltada para o modo como o indivíduo se desenvolve a partir da questão norteadora.

O intuito é entender, a partir das entrevistas, como o relacionamento do indivíduo com a comunidade e seus membros influenciam na autoformação do 'eu'. O meio de pesquisa foi o estudo de campo. A partir da coleta dos dados, foi realizada a descrição das influências que a vida comunitária traz para a personalidade desses jovens diante da circunstância que estão inseridos. (BRANSKI; FRANCO; LIMA JUNIOR, 2010). A análise dos dados obtida foi realizada a partir da análise de conteúdo de Bardin (1997).

A proteção das informações disponibilizadas pelos participantes desta pesquisa foi garantida a partir da assinatura do termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE), conforme as resoluções nº 466/12 e 510/16 do Conselho Nacional de Saúde – CNS. (ANEXO B). Esse trabalho será avaliado, também, pela Plataforma Brasil, para garantia de preservação da saúde física e mental dos entrevistados.

4 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

4.1 RELAÇÃO PESSOA-COMUNIDADE

Na relação pessoa-comunidade é esperada a transformação da personalidade de forma positiva e/ou negativa. A alma humana é sempre lapidada por outra alma, o ser humano, por ser dotado de alma e espírito, é o único ser que se relaciona (MENEZES; PEGORARO, 2019; CRUZ, 2016). Segundo Sberga e Massimi (2013), algumas características próprias do 'eu' permanecem inalterável, mas outras são passíveis de mudança se o convívio comunitário favorecer para essas transformações. O importante na autoformação do 'eu' é construir a sua personalidade, aquilo que torna a pessoa única e subjetiva, capaz de construir a sua própria história no processo de amadurecimento.

Para Junior e Mahfoud (2006), a formação humana comunitária não se concretiza apenas pelas diferenças dos membros. As instituições religiosas, na atualidade, ainda reúnem indivíduos com os mesmos propósitos e objetivos e agrega valores de doação mútua. As relações comunitárias trazem vantagens concretas para o indivíduo, desde que ele se abra para os preceitos desse meio. A formação das características da personalidade é favorecida através do contexto comunitário que tem regras, tradições e valores específicos/particulares para aquela determinada realidade (CATRÉ et.al, 2016 e SBERGA; MASSIMI, 2013).

Pedro: “Aqui na comunidade já não temos os nossos pais para fazer as coisas, então nós temos que fazer. A rotina comunitária faz com que criemos o hábito de arrumar nossa cama e nosso quarto, essas coisas que eu acredito que seja um fator determinante para nós. Acredito que eu mudei bastante meus costumes de vida[...]”.
 Maria Madalena: “Na estrutura de rotina, por consequência, adquiri estabilidade e ordem interior, que consequentemente gera a maturidade, fruto de tudo isso. Também, na convivência com as pessoas, agora sou mais zelosa no entendimento do outro. São tantas coisas... Eu também fiquei mais organizada com minhas coisas. O ambiente melhorou também na relação com minha família, pois fiquei mais disposta”.

A comunidade influencia o desenvolvimento da estrutura humana, assim como a personalidade dos membros influenciam a formação da comunidade. A empatia se torna uma qualidade semelhante a todos os membros da comunidade (SILVA, 2019). Para Bello (2015), o significado da vida comunitária se solidifica quando os membros dela começam a experimentar o que faz sentido, também para o outro. A irmandade dos membros dessa comunidade, colabora para a relação “benéfica” e “tranquila” entre eles. Nota-se ainda no relato de Pedro uma possibilidade de autonomia e crescimento quando ele diz: “temos que fazer”. Percebe-se também, no relato de Maria Madalena, o movimento de sair de encontro ao outro e a busca da maturidade e do autodesenvolvimento. Essas percepções dos dois entrevistados demonstra a essência da vida humana, pautada em sempre dar sentido ao seu modo de existir.

André: “Adquirimos virtudes como: proatividade, a questão de estar mais atento com o outro, de sair de si e do seu comodismo e de olhar para o outro e não ficar só pensando no meu mundo”.

Verônica: “O significado da vida religiosa pela comunidade se solidifica quando os membros dela começam a experimentar o que fazem sentido, também, para o outro. Aprendi lidar com as pessoas, tinha dificuldade de acolher as diferenças. Aprendi a ter mais paciência, tanto comigo e com outras pessoas, entendendo que cada um tem o seu limite. De forma geral e mais religiosa, eu vi que o sentido da entrega de Cristo na cruz pode fazer com que a gente se encontre e se sinta amado, indiferente das outras pessoas corresponderem ou não. A prática religiosa tende a trazer mais paz e mais tranquilidade no cotidiano. Traz o elemento de centro, tudo o que eu faço tem um sentido, tem uma razão”.

A autoformação, a partir da convivência com os outros membros, só é possível pela liberdade do indivíduo e pela autodoação. “Maturidade”, “força da personalidade”, “saída de mim para me doar ao outro” e “responsabilidade diante da vida” são falas constantes de outros entrevistados. Para André e Verônica, os termos “proatividade”, “atenção com o outro”, “saída do comodismo”, “acolhimento das diferenças”, demonstram o que diz Casagrande e Hermann (2017), a forma como o ser humano configura o mundo está de acordo com a realidade de seu modo de viver. O modo como às relações grupais acontecem altera o interior da pessoa. Provavelmente, modificará a estrutura de sua personalidade e, futuramente, a

mudança da própria comunidade. As vivências comunitárias, podem formar os valores e costumes semelhantes no grupo (BERNARDI; CASTILHO, 2016).

Paulo: “De forma muito específica: domínio de mim mesmo, conhecer uma ideia mais ampla de autoconhecimento e controle das circunstâncias, que são diversas no ambiente, as vezes consigo controlar e ter domínio delas no que diz respeito do conhecimento de mim”.

O objetivo da autoformação é formar as potencialidades da alma humana, enquadrando-as dentro da estrutura do ser. Para Cruz (2016) a singularidade conserva a marca pessoal do ser humano e impede que conteúdos destoantes de sua personalidade cheguem ao núcleo do ‘eu’, o espírito. O maior formador do ser humano é ele mesmo, pois esse é dotado de intelecto e vontade, os únicos construtores da personalidade que auxiliam nas mudanças (MARTINES, 2019).

André: “no início tive dificuldades, mas acho que é normal de toda pessoa que está encontrando pessoas de outros lugares, com outro convívio e outros ensinamentos, mas nada que atrapalhe, na verdade até agrega coisas novas. É uma forma nova de ver o mundo dentro de outra perspectiva”.

Para Junior e Mahfoud (2006), a “vida espiritual” expressa à liberdade de modo que a pessoa é quem toma as decisões diante de sua realidade. A comunidade possui importância efetiva na formação da pessoa e na constituição de sua personalidade. Não é apenas estar ao lado do outro, é confiar e permitir que esse outro tenha parte nas mudanças subjetivas. Isso ajuda na compreensão do discurso dialético (método filosófico) compreendido pela filosofia antiga, medieval e moderna. Esse método explica que o discurso dialético pretende convencer a pessoa, de forma racional, a viver e adequar às premissas daquele meio, ou seja, o indivíduo se modifica por sua livre vontade e pela confiança naquela cultura que ele está envolvido (VIEIRA, 2010).

O ‘eu’ não elimina suas características específicas e individuais, a sua individualidade colabora com a comunidade e os demais membros. O vir-a-ser é despertado pela vivência com o outro (JUNIOR; MAHFOUD, 2013).

Pedro: “viemos de criação e de pessoas diferentes, então precisamos saber acolher. Existem determinadas coisas que eu tenho dificuldade em aceitar no outro, mas mesmo assim é um desafio e uma superação que eu decidi, por isso estou aqui[...]”.

Pedro, por exemplo, relata sobre as diferenças da personalidade de cada um. Para Stein (2005), um dos caminhos para formação da nossa personalidade é a diferença subjetiva de cada pessoa. Algumas características da personalidade são desenvolvidas a partir de outra personalidade autêntica e bem formada. Por esse motivo, torna-se necessário a presença de uma pessoa para constituir as características mais subjetiva do ‘eu’. É através do processo de

formação da maturidade que o ‘eu’ escolhe, de forma pessoal, o conteúdo formativo de sua personalidade.

4.2 MUDANÇAS DO ‘EU’

A comunidade não absorve o ‘eu’, pelo contrário ela precisa da individualidade de seus membros para sua formação. Sua estrutura é orgânica e consolidada por meio da relação recíproca entre os indivíduos (BELLO, 2015 ; STEIN, 2005). No encontro com o outro a autoformação não acontece somente pelas diferenças, mas também pelos interesses compartilhados. Cada membro é uma parte que completa a totalidade comunitária de modo que ambos se desenvolvem para a completude.

Verônica: “quando eu comecei a cozinhar eu sabia poucas coisas, então cozinhar com pessoas que sabem cozinhar mais que eu, ajudou no sentido de evoluir nessa prática. Também, eu ajudava as pessoas que sabia cozinhar menos que eu. Em diversos aspectos, a forma como as pessoas estão, como elas reagem, como elas crescem, incentiva aos demais a crescerem também[...]”.

Maria Madalena: “a personalidade de um influencia na personalidade do outro. Você adquiri certa temperança com os mais equilibrados e comedidos e também a tendência de se tornar mais irritadiço com os mais rudes[...]”.

No relato das duas entrevistadas, o “cozinhar” e o “temperar” pode apresentar-se como metáfora na relação com o outro, na autoformação. Quando Verônica relata que aprendeu a “cozinhar com o outro” é possível entender que a sua formação se derivou também da “temperança” de outro. A formação humana acontece a partir do “tempero” chamado personalidade. O modo como às relações grupais e ambientais acontecem colabora para a formação da estrutura da personalidade.

O ser humano é responsável pelo seu crescimento, ele não pode passar de um estado de imaturidade para maturidade sem a liberdade de escolha (SBERGA; MASSIMI, 2013). Para os mesmos autores, o espírito – núcleo da estrutura humana – é responsável pela formação interior do sujeito, pois nele está localizada toda personalidade e virtudes como: reciprocidade – via de mão dupla entre duas pessoas, relação em dar e receber – e empatia – capacidade de perceber o outro em sua inteireza e compreender a sua personalidade.

Paulo: “jeito de falar, jeito de vestir, modo de agir. Às vezes até as manias e os defeitos nós conseguimos adquirir com os demais aqui na casa”.

Pedro: “[...]existe determinadas coisas, que por eu ser o coordenador eu preciso corrigir nos outros, mas algumas outras coisas eu preciso ficar em silêncio. Eu aprendo a silenciar mais. Eu sou uma pessoa que acabo falando demais, então nessa convivência de doação e entrega eu acabo sendo solidário, adquiri isso somente nessa relação com o outro”.

Os entrevistados também relatam mudanças na maneira de se portar, ou seja, mudanças comportamentais na vestimenta, na oratória, entre outros. Para Stein (2005), as

mudanças no espírito permitem transformações também exteriores. A formação humana acontece somente diante de um povo, pois o homem tende a repetir os comportamentos de seus semelhantes, sejam esses negativos ou positivos (SBERGA; MASSIMI, 2013). A individualidade é desenvolvida a partir das vivências humanas e é isso que constitui o ser-no-mundo. É possível afirmar que somente em uma genuína comunidade o indivíduo poderá alcançar uma verdadeira formação (ROSA, 2018).

4.3 RELAÇÃO PESSOA-COMUNIDADE NA PERSPECTIVA DA RELIGIÃO CATÓLICA

As práticas religiosas têm a capacidade de agregar valores interiores sobre a vida do sujeito (SERAFIM; MEZZOMO; PÁTARO, 2016). É por esse motivo que ela modifica a personalidade. No relato de Verônica percebemos a influência dessas mudanças interiores. Ela relata sobre os “valores sólidos” que sua personalidade adquiriu a partir da Religião Católica, como: “honestidade”, “doação”, “caridade” e “verdade”.

Verônica: “em especial, o cristianismo traz valores muito sólidos para uma pessoa, por exemplo, a questão da honestidade, da doação, da caridade, da verdade. O cristianismo traz consigo de forma inerente virtude que são próprias da religião. Por exemplo, quando praticamos a caridade no sentido religioso, ela tem sentido mais profundo que apenas de uma ação filantrópica. Pois quando eu falo que eu amo a pessoa com quem estou sendo caridosa, é porque antes uma pessoa maior – o Cristo – doou a Sua vida por mim e por ela. Então eu vejo que a religião ajuda a buscar um caráter e uma personalidade mais centrada.”

Nos relatos de Marta, fica claro aquilo quando ela relata “eu tendia a ser uma pessoa sem valor humano” ela afirma o que diz Rosa (2018) uma autêntica formação comunitária religiosa colabora com a singularidade e a liberdade do ‘eu’. As influências do corpo colaboram para as influências da alma e do espírito (STEIN, 2005). Nenhum ser humano pode se formar sozinho, mas sim na relação com seus semelhantes. O contato vivo com outros indivíduos colabora na autoformação, de modo que os métodos de formação não são tão eficazes quanto o contato com o outro.

Marta: “as mudanças são muito claras, eu tendia a ser o oposto do que eu era. Os meus conhecimentos sobre a vida eram muito diferentes, eu tendia a ser uma pessoa totalmente mundana, sem valor à vida, sem valor humano. A comunidade veio como um divisor de águas na minha vida de forma muito boa. Hoje eu consigo ter clareza daquilo que eu quero, daquilo que eu consigo ver e aquilo que sou. Estou conseguindo colocar essas mudanças em prática e alcançar o equilíbrio.”

Como dito anteriormente, a maior parte da formação da personalidade acontece no encontro com o outro. A vivência religiosa se torna comunitária a partir dos interesses comuns partilhados. Por esse motivo, a autoformação acontece a partir do momento em que o indivíduo se coloca à disposição dos meios para mudança. Dentro do contexto religioso, além

da relação pessoa-comunidade, com as relações interpessoais, para que o ‘eu’ seja modificado é necessário também as práticas de oração, meditação, leitura da bíblia, entre outras (JUNIOR; MAHFOUD, 2013).

É possível compreender as mudanças que a prática religiosa oferece. Marta, por exemplo, relatou que “os acompanhamentos e direções espirituais” é que proporcionam esse processo de mudanças. Quando Maria Madalena traz em seu relato o termo “ser senhora de minhas reações” ela traz um conceito, descoberto do Edith Stein, no processo de autoformação – senhora de si. A pessoa senhora de si, modifica o espírito através da passagem do natural para o espontâneo, porém corre o risco de se tornar muito mais irracional e cética, e o meio eficaz para que isso não aconteça é a vida espiritual (JUNIOR; MAHFOUD, 2013).

Maria Madalena: “eu me tornei mais ordenada em relação ao equilíbrio emocional e intelectual. Ser mais senhora das minhas reações e decisões. Minhas decisões são mais pautadas a partir de uma análise racional e não emocionais. As práticas nessa comunidade me deram uma estabilidade interior e a percepção da realidade dos fatos e das intenções. Me tirou de movimentos egoístas para me colocar em direção aos outros. Hoje sou menos egoísta e mais caridosa e amorosa, acolho melhor o outro.”

A constituição da personalidade também se dá no processo de abertura da vida espiritual (ROSA, 2018). A vivência social também pode modificar o indivíduo, mas na vivência comunitária religiosa, se torna abstrato atingir o estado de maturidade profunda do ‘eu’, pois é na experiência religiosa que formamos o núcleo da pessoa – o espírito (SBERGA; MASSIMI, 2013). Através das práticas religiosas, a estrutura da pessoa –corpo, psique e espírito, tornam-se um e modifica o ‘eu’ (JUNIOR; MAHFOUD, 2013).

André: “sim, acredito que ajuda muito na questão do rezarmos juntos, a Santa Missa, o terço, oração comunitária, até mesmo pessoal, mas no mesmo ambiente, isso influencia muito para que ambos cresçam e tenham aquele espírito de corpo, né? Estamos indo para o mesmo lugar, com o mesmo propósito, isso ajuda com que todos cresçam[...]”.

Maria Madalena: “as práticas de piedade fazem o movimento de conhecer as próprias limitações e misérias. As práticas de oração, levam ao autoconhecimento concreto e não somente interior. Quanto mais íntima eu sou de Deus, mais eu sei de mim mesmo, pois é Ele que é capaz de revelar todas as coisas a meu respeito”.

Verônica: “as propostas que essa comunidade faz tendem a levar e elevar a todos ao maior grau de maturidade, mas é importante ressaltar que cada pessoa tem a liberdade e seu espaço de querer seguir aquilo com todo seu ser ou fazer as coisas entregando o menor resultado. A comunidade pode acrescentar em todos que dela se aproxima, mas há a liberdade interior que não é roubada”.

Nas falas de André e Maria Madalena podemos perceber que as práticas de oração e de caridade elevaram esses dois entrevistados espiritualmente. Quando André relata “estamos indo para o mesmo lugar”, ele diz dos escritos de Junior e Mahfoud (2013) que através das vivências religiosas chegamos à essência do ser humano. As possibilidades do ‘eu’ para se abrir ou não para essas mudanças é da “liberdade da pessoa”, como relata Verônica. Para a relação humana alterar a estrutura subjetiva do indivíduo é importante a sua abertura, ou seja,

o 'eu' pode abrir ou se fechar para essas mudanças. Como coloca Stein (2005) o ser humano é livre para formar a sua personalidade, mas também deve arcar com as consequências dessas possibilidades.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A vivência religiosa colabora para a estrutura humana, principalmente para a alma e o espírito. A forma de organização do ser se baseia em viver submisso ao Superior, quando esse processo se relaciona com a busca da autoformação, não somente com a ajuda de Deus, mas também com ajuda do outro, o processo formativo se torna motivador e eficaz (BELLO, 2015; SBERGA; MASSIMI, 2013; JUNIOR; MAHFOUD, 2006).

A lacuna teórica, dessa pesquisa estava relacionada a jovens, principalmente universitários, enxergarem a religião como um fator negativo para formação, por isso, esse trabalho pretendia responder sobre a influência causada pela religião na construção da personalidade de jovens no relacionamento com outros membros. O objetivo foi apresentar como esses ensinamentos/vivência estão presentes na construção da personalidade desses indivíduos jovens nessa Comunidade Católica, verificou-se que a religião tem grande influência sobre a formação do jovem, pois ele aprende, no contato com o outro e no contato com Deus, ser mais empático e solícito. Também nesse processo, ele participa do desenvolvimento na formação da sua personalidade.

Pode-se concluir que a religião unida à vida comunitária participa de forma ativa na personalidade desses jovens. Como eles comentaram em seu discurso, depois da adesão a vida comunitária unida à religião, apresentaram comportamentos mais sólidos e maduros. As contribuições deste trabalho, passa pela perspectiva de na atualidade a religião ser tão influente sobre a vida de jovens. É importante compreender o valor da vivência religiosa para o 'eu', pois ela pode colaborar para o bem-estar psicológico do sujeito e para elaboração benéfica de suas vivências.

As limitações dessa pesquisa se deram pela falta de materiais atualizados, sobre a formação religiosa, sua importância para o sujeito nas ciências modernas e suas implicações na personalidade dos indivíduos. Sugere-se que esse tema seja mais trabalhado, inclusive no estudo de outras comunidades e outras religiões, visto que com essa pesquisa a vivência religiosa tem total influência sobre a formação da personalidade do sujeito, através da escolha livre.

6 REFERÊNCIAS

ALVES, V.H; BAREA, R; WERNECK, V.R; GRZIBOWSKI, S; RODRIGUES, D.P & SILVA, L.A.D. Cuidado ético do outro: contribuições de Edith Stein e Max Scheler. Revista Escola Anna Ner, v.22, n. 2, Rio de Janeiro, 2018. DOI: <https://doi.org/10.1590/2177-9465-ean-2017-0382>. Disponível em: <<https://pesquisa.bvsalud.org/enfermeria/resource/pt/biblio-953443>>. Acesso em março de 2020.

BARDIN. L. Análise de conteúdo. BARDIN, L. In:___(org.). Análise de conteúdo. Lisboa: Edições 70, 1977.

BELLO. A.A. Pessoa, comunidade e sociedade. In:___(org.). Pessoa e comunidade. Comentários: psicologia e ciências do Espírito de Edith Stein. Belo Horizonte: Artesã, 2015. p. 77-102.

BRAGA, T.B.M.; FARINHA, M.G. & MOSQUEIRA, S.M. Da personalidade ao Dasein: pensamento heideggeriano e práxis clínica. Revista Psicologia em pesquisa, v. 13, n. 2, p. 1-23, Minas Gerais, 2019. DOI: <http://dx.doi.org/10.34019/1982-1247.2019.v13.26130>. Disponível em: <<https://periodicos.ufjf.br/index.php/psicologiaempesquisa/article/view/26130>>. Acesso em março de 2020.

BRANSKI, R. M.; FRANCO, R. A. C.; LIMA JUNIOR, O. F. Metodologia de estudo de caso aplicada à logística. Revista Congresso de Pesquisa e Ensino em Transportes (XXIII ANPET), v. 24, p. 1-12, Salvador, 2010. Disponível em: <<http://www.lalt.fec.unicamp.br/scriba/files/escrita%20portugues/ANPET%20-%20METODOLOGIA%20DE%20ESTUDO%20DE%20CASO%20-%20COM%20AUTORIA%20-%20VF%2023-10.pdf>>. Acesso em março de 2020.

CARDOSO, C.D.R.D; MASSIMI, M. A CORPOREIDADE SEGUNDO EDITH STEIN: ALGUMAS IMPLICAÇÕES PARA A PSICOLOGIA. Revista Interamericana de Psicologia, v. 52, n. 1, p 71-79, São Paulo, 2018. Disponível em: <<https://web.a.ebscohost.com/abstract?direct=true&profile=ehost&scope=site&authtype=crawler&jrnl=00349690&AN=130856000&h=JVJ5mN2BrFt7Wk3sRTdZN6lwsd%2fJmUlDDJv%2bHMPNbaGELXJSAT%2f8%2b48qayZIsP5IR5Leb8Oe2t8Jj4F5j%2bLE8kw%3d%3d&crl=c&resultNs=AdminWebAuth&resultLocal=ErrCrlNotAuth&crlhashurl=login.aspx%3fdirect%3dtrue%26profile%3dehost%26scope%3dsite%26authtype%3dcrawler%26jrnl%3d00349690%26AN%3d130856000>>. Acesso em março de 2020.

CASAGRANDE, C.A & HERMANN, N. Identidade do eu em contextos plurais: desafios da formação. Revista Pro-posições, v. 28, p. 39-62, Campinas, 2017. DOI: <https://doi.org/10.1590/1980-6248-2016-0046>. Disponível em: <https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-73072017000400039&lng=pt&tlng=pt>. Acesso em março de 2020.

CATRÉ, M.N.C; FERREIRA, J.A; PESSOA, T; CATRÉ, A & CATRÉ, M.C. Espiritualidade: Contributos para uma clarificação do conceito. Revista Análise Psicológica, v. 34, n. 1, p. 31-46, Lisboa, 2016. DOI: <http://dx.doi.org/10.14417/ap.877>. Disponível em: <http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0870-82312016000100003>. Acesso em março de 2020.

CERVO, A.L, BERVIAN, P.A & SILVA, R.D. Metodologia Científica. 6ª Ed. Cidade: Pearson Universidades, 2007.

CLACIR JOSÉ BERNARDI, C.F & CASTILHO, M.A.D. A religiosidade como elemento do desenvolvimento humano. Revista Interações, v. 17, n. 4, p. 745-756, Campo Grande, 2016. DOI: [https://doi.org/10.20435/1984-042x-2016-v.17-n.4\(15\)](https://doi.org/10.20435/1984-042x-2016-v.17-n.4(15)). Disponível em: <https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S1518-70122016000400745&lng=en&nrm=iso&tlng=pt>. Acesso em março de 2020.

CRUZ, M.P. Breve tratado sobre Pessoa, Comunidade e Empatia em Edith Stein. Brasília, 2018. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/33240/1/2018_ManuelePortoCruz.pdf>. Acesso em março de 2020.

DEMO, P. Educar Pela Pesquisa. 10ª Ed. Campinas: Autores Associados, 2015.

FABIANE VILLATORE ORENGO, F.V; HOLANDA, A.F & GOTO, T.A. Fenomenologia E Psicologia Fenomenológica Para Psicólogos Brasileiros: Uma Compreensão Empírica. Revista Psicologia em Estudo, v. 25, p. 1-16, Maringá, 2020. DOI: <https://doi.org/10.4025/psicoestud.v25i0.45065>. Disponível em: <https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S141373722020000100207&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt>. Acesso em março de 2020.

FEIJOO, A.M.L.C.D & MATTAR, C.M. Encontros e Desencontros nas Perspectivas Existenciais em Psicologia. Revista Psicologia em Revista, v. 22, n. 2, p. 1-17, Belo Horizonte, 2016. DOI: <http://dx.doi.org/DOI-10.5752/P.1678-9523.2016V22N2P258>. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-11682016000200002>. Acesso em março de 2020.

FERNANDES, L & BARBOSA, R. A construção social dos corpos periféricos. Revista Saúde e Sociedade, v. 25, n. 1, p. 70-82, São Paulo, 2016. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0104-12902016146173>. Disponível em: <<https://www.scielo.org/article/sausoc/2016.v25n1/70-82/pt/>>. Acesso em março de 2020.

FERNANDES, M.L.C. LUÍS, Maria dos Anjos Fernandes – Vivências religiosas e comportamentos sociais. Visitas pastorais ao concelho da Lourinhã nos séculos XVII e XVIII. Revista Lusitania Sacra, v. 36, p. 287-288, Portugal, 2019. DOI: <http://hdl.handle.net/10451/1702>. Disponível em: <<http://portal.cehr.ft.lisboa.ucp.pt/LusitaniaSacra/index.php/journal/article/view/568>>. Acesso em março de 2020.

FREITAS, M.H.D & VILELA, P.R. Leitura Fenomenológica da Religiosidade: Implicações para o Psicodiagnóstico e para a Práxis Clínica Psicológica. Revista da Abordagem Gestáltica: Phenomenological Studies, v. 23, n. 1, p. 95-107, Goiânia, 2017. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672017000100011>. Acesso em março de 2020.

GASBARRO, N.M. Fenomenologia da religião. In: PASSOS, João Décio; USARSKI, Frank. (Org.). Compêndio de Ciência da Religião. São Paulo: Paulinas; Paulus, 2013. p. 333-345.

GIL, A. C. Métodos e técnicas de pesquisa social. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

GIOVANETTI, J. P. Fenomenologia e prática clínica. In:___(org.). Fenomenologia e psicologia clínica. Belo Horizonte: Artesã, 2018. p. 11-32.

JUNIOR, A.G.C & MAHFOUD, M. As especificidades da comunidade religiosa na obra de Edith Stein. In: MAHFOUD, M & MASSIMI, M (org.). Edith Stein e a psicologia: teoria e pesquisa. 1. Ed. Belo Horizonte: Artesã, 2013. p. 263-292.

JUNIOR, A.G.C & MAHFOUD, M. A relação pessoa-comunidade na obra de Edith Stein. Revista Memorandum, v. 11, p. 08-27, Belo Horizonte, 2006. Disponível em: < <http://www.fafich.ufmg.br/~memorandum/a11/coelhomahfoud01.htm>>. Acesso em março de 2020.

JUNIOR, C.A.V; ARDANS-BONIFACINO, H.O. & ROSO. A. A construção do sujeito na perspectiva de Jean-Paul Sartre. Revista Subjetividades, v. 16, n. 1, p. 119-130, Fortaleza, 2016. DOI: <http://dx.doi.org/10.5020/23590777.16.1.119-130>. Disponível em:<http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S235907692016000100010&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt>. Acesso em março de 2020.

MARTINES, P. O ato moral segundo Tomás de Aquino. Revista Trans/Form/Ação, v.42, p. 249-264, Marília, 2019 . DOI: <https://doi.org/10.1590/0101-3173.2019.v42esp.14.p249>. Disponível em: < https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-31732019000500249&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt>. Acesso em setembro de 2020.

MENESES, S.C.D.S & MENDONÇA, J. F.D. A METAFÍSICA TOMISTA DO ESSE. Revista Brasileira De Filosofia Da Religião, v. 5, n. 1, p. 119-137, Brasília, 2019. Disponível em: <<https://periodicos.unb.br/index.php/rbfr/article/view/22897>>. Acesso em março de 2020.

MENEZES, G.P & PEGORARO, R.F. Panorama das Atividades Grupais Desenvolvidas em Centros de Atenção Psicossocial (2006–2016). Revista Psicologia: ciência e profissão, v. 39, p. 1-17, Brasília, 2019. DOI: <https://doi.org/10.1590/1982-3703003189050>. Disponível em: <https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1414-98932019000100158&script=sci_arttext>. Acesso em março de 2020.

MONTEIRO, F.S.C.T; REIS, C.E.S; ALBUQUERQUE, C.V.E; SANTOS, V.L.M.D; GOMES, A.C & VIEIRA, M.D.S. Possíveis propostas fenomenológicas de Edith Stein na promoção de saúde. Revista Cadernos Brasileiros de Saúde Mental, v. 10, n. 27, p. 157-164, Florianópolis, 2018. Disponível em: < <https://periodicos.ufsc.br/index.php/cbsm/article/view/69227>>. Acesso em março de 2020.

MOURA, C.E.O.P.D. Entre psicanálise e existencialismo: a estruturação da personalidade sob condição. Revista Psicologia em pesquisa, v. 13, n. 2, p. 24-41, São Paulo, 2019. DOI: <http://dx.doi.org/10.34019/1982-1247.2019.v13.27188>. Disponível em: < <https://periodicos.ufjf.br/index.php/psicologiaempesquisa/article/view/27188>>. Acesso em março de 2020.

PAULA, M.G.D. O tema da subjetividade e os limites da história: uma leitura de Sartre a partir de suas influências kierkegaardianas. Revista Ekstasis: Revista de Hermenêutica e Fenomenologia, v. 7, n. 2, p. 52-83, Brasília, 2018. DOI: <https://doi.org/10.12957/ek.2018.38277>. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/Ekstasis/article/view/38277>>. Acesso em março de 2020.

PEREIRA, J. G. T.; MEIRELLES, R. L. P. Fenomenologia husserliana: o projeto fenomenológico. CES REVISTA, v. 33, n. 1, p. 190 – 2018. Juiz de Fora, 2019. Disponível em: < <https://seer.cesjf.br/index.php/cesRevista/article/view/2109> >. Acesso em março de 2020.

ROSA, G.M.D.S. A estrutura orgânica da comunidade: contribuições de Edith Stein em Indivíduo e Comunidade. *Revista Crátilo*, v. 11, n. 2, p. 01-14, Minas Gerais, 2018. Disponível em: < <https://revistas.unipam.edu.br/index.php/cratilo/article/view/757>>. Acesso em março de 2020.

SANTOS, D. M. B. Logoterapia: compreendendo a teoria através de mapa de conceitos. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, v. 68, n. 2, p. 128-142, Rio de Janeiro, 2016. Disponível em: < <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=229048487011>>. Acesso em março de 2020.

SANTOS, R.V & ROCHA, M.A.L. O Caminho da Compreensão: o Desafio de Aceitar a Abordagem de Questões Religiosas na Clínica Psicológica. *Revista Psicologado*, Paraná, 2018. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/327332650_Projetos_de_vida_e_constituicao_de_identicidades_juvenis_na_interface_com_a_religiao_e_a_politica>. Acesso em março de 2020.

SBERGA, A.A. & MASSIMI, M. A formação da pessoa em Edith Stein. In: MAHFOUD, M & MASSIMI, M(org.). *Edith Stein e a psicologia: teoria e pesquisa*. 1. Ed. Belo Horizonte: Artesã, 2013. p. 167-194.

SERAFIM, T.; MEZZOMO, F. A. & PÁTARO, C.S.D.O. Projetos de vida e constituição de identidades juvenis na interface com a religião e a política. *Revista Psicologia e Argumento*, v. 34, p. 289-301, Paraná, 2016. DOI: 10.7213/psicol.argum.34.087.AO01. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/327332650_Projetos_de_vida_e_constituicao_de_identicidades_juvenis_na_interface_com_a_religiao_e_a_politica>. Acesso em março de 2020.

SIMAN, A. & RAUCH, C.S. A FINITUDE HUMANA: Morte e existência sob um olhar fenomenológico-existencial. *Revis Faculdade Sant'ana em revista*, v. 1, n. 2, p. 106-122, São Paulo, 2017. Disponível em: < <https://www.iessa.edu.br/revista/index.php/fsr/article/view/111>>. Acesso em março de 2020.

SOBREIRA, V & NISTA-PICCOLO, V.L. Do corpo à corporeidade: uma possibilidade educativa. *Revista Cadernos de Pesquisa*, v. 23, n. 3, p. 68-77, São Luís, 2016. DOI: <http://dx.doi.org/10.18764/2178-2229.v23n3p68-77>. Disponível em: <<http://www.periodicoeletronicos.ufma.br/index.php/cadernosdepesquisa/article/view/5799/3535>>. Acesso em março de 2020.

STEIN, E. Etapa fenomenológica. In:___(org.). *Obras completas, II: Escritos filosóficos*. Madrid, Espanha: Monte Carmelo, 2005. p. 201-949.

VIEIRA, L. Synanairēsthai e Aufheben1: alguns aspectos das dialéticas platônica e hegeliana. *Revista Kriterion*, v.51, n.121, p.195-214 Belo Horizonte, 2010. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0100-512X2010000100010>. Disponível em: <https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-512X2010000100010&lang=pt>. Acesso em setembro de 2020.

ANEXO A - ENTREVISTA

- 1- Quanto tempo você mora/vive nessa Comunidade?
- 2- Quais as práticas/vivência religiosas você pratica nessa Comunidade?

- 3- Quais os benefícios você percebe que adquiriu após a sua moradia nessa Comunidade?
- 4- Como é sua relação comunitária com os outros membros?
- 5- Você percebe que ocorrem mudanças em seus comportamentos através da convivência diária com os outros moradores dessa comunidade? Quais?
- 6- Quais as suas percepções sobre a influência da vivência religiosa? Você percebe que ela trouxe mudanças para sua vida? Quais?
- 7- Como você mudou a partir das práticas religiosas que essa comunidade oferece?
- 8- Você considera que as práticas vivenciadas dentro dessa Comunidade ajudam todos os seus membros se elevem espiritualmente? Como?

ANEXO B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Dados de identificação

Você está sendo convidado (a) para participar, como voluntário (a), do projeto de pesquisa “Psicologia, religião e relação pessoa-comunidade sob a perspectiva fenomenológica”, de responsabilidade da pesquisadora discente do curso de Psicologia da Faculdade Ciências da Vida.

Leia cuidadosamente o que segue e pergunte sobre qualquer dúvida que você tiver. Após ser esclarecido (a) sobre as informações a seguir, caso aceite fazer parte do estudo, assine ao final deste documento, que consta em duas vias. Uma via pertence a você e a outra ao pesquisador responsável. Em caso de recusa você não sofrerá nenhuma penalidade.

Declaro ter sido esclarecido sobre os seguintes pontos:

1. O trabalho tem como objetivo geral “Apresentar como os ensinamentos/vivência religiosa estão presentes na construção da personalidade do indivíduo jovem entre 20 a 30 anos de uma Comunidade Católica”.
2. A minha participação nesta pesquisa consistirá em fornecer informações para a pesquisadora da faculdade Ciências da Vida sobre a influência da religião na construção da personalidade em relação à pessoa-comunidade através de entrevista com cerca de 1h, realizadas na instituição do campo de pesquisas em que as observações serão feitas. As entrevistas serão gravadas para melhor análise posterior do conteúdo.
3. Ao participar desse trabalho estarei contribuindo para a difusão científica do conhecimento sobre a influência da religião na autoformação do indivíduo.

4. A minha participação neste projeto deverá ter a duração de 1 hora, para fornecer cada entrevista. Essa frequência será definida a partir do primeiro encontro, em função dos dados obtidos nele. Caso seja observada a necessidade de coletar mais informações, poderão ser realizados mais dois ou três encontros.
5. As entrevistas obedeceram à todos os critérios de prevenção ao COVID-19 de acordo com às prescrições dos decretos municipais e as recomendações das autoridades sanitárias.
6. Não terei nenhuma despesa ao participar da pesquisa e poderei deixar de participar ou retirar meu consentimento a qualquer momento, sem precisar justificar, apenas informar previamente à pesquisadora e não sofrerei qualquer prejuízo.
7. Fui informado e estou ciente de que não há nenhum valor econômico, a receber ou a pagar, por minha participação. No entanto, caso eu tenha qualquer despesa decorrente da participação na pesquisa, sendo a ação solicitada pelas pesquisadoras, serei ressarcido.
8. Caso ocorra algum dano, comprovadamente, decorrente de minha participação no estudo, poderei ser compensado conforme determina a Resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde.
9. Meu nome será mantido em sigilo, assegurando, assim, a minha privacidade. Se eu desejar, terei livre acesso a todas as informações e esclarecimentos adicionais sobre o estudo e suas consequências, enfim, tudo o que eu queira saber antes, durante e depois da minha participação.
10. Fui informado que os dados coletados serão utilizados, única e exclusivamente, para fins desta pesquisa, e que os resultados poderão ser publicados.
11. Qualquer dúvida, pedimos a gentileza de entrar em contato com a pesquisadora responsável pela pesquisa ou com a Instituição de Ensino em que a pesquisadora está matriculada – Faculdade Ciências da Vida –, localizada na Avenida Prefeito Alberto Moura, 12632, Bairro das Industrias, Sete Lagoas-MG, telefone (31) 3776-5150.

Eu, _____, RG nº _____ declaro ter sido informado e concordo em participar, como voluntário, do projeto de pesquisa acima descrito.

Sete Lagoas, _____ de _____ de 20_____.

Assinatura do participante

Nome e assinatura do responsável por obter o consentimento